

O dragão que está à entrada do palácio anarquico, nada tem de terrivel: é uma palavra apenas! — *Elsée Reclus.*

# A PLEBE

A Natureza engendrou o direito de Comunidade; e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade. — *Santo Ambrósio.*

TODA A CORRESPONDENCIA AO ADMINISTRADOR  
CECILIO MARTINS

ENDEREÇO CAIXA POSTAL 195 — S. PAULO  
Sede: LAPEIRA FORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: An. 10\$000; Semestre, 5\$000  
PACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000  
NUMERO AVULSO 100 REIS

## A PROPRIEDADE

Um operário habita uma casa que foi construída por outros operários; é o morador, que lava, limpa, conserva, embeleza; ao mesmo tempo que tira dela utilidade, se é necessário um cômodo, são ainda trabalhadores que acodem.

No fim do mês, porém, um inuíto, que não só serve da casa, nem trabalhou nela, que nunca foi outro servo, senão o de ver as obras, chegar, receber o aluguel e passa o recibo. É a sua única função.

Mas que direito tem esse homem não só a mandar fazer a casa, que não utilizará, mas ainda a receber o imposto que lhe paga o locatário?

É bastante singular o direito desse «propietário». Muitas vezes não faz mais do que herdá-lo, isto é, recebê-lo dum morto!

Um seu antepassado, qualquer juíza, mal ou bem, honestamente ou não, um tesouro, um capital. Mas por esse facto pôde viver sem trabalhar o resto dos seus dias e até deixar esse facultade a seus descendentes! Por que numa família um só homem trabalhou, gerou-os e gerados vivam parasitariamente do trabalho alheio!

Mais ainda: os que usarem ricos têm somente o direito de viver à custa dos outros; a exploração vai mais longe. O proprietário, senhor dos meios de produção, dá ao proletário, ao pobre, sem ter nada do seu trabalho, direito para obter uma parte do valor do produto; se não aceita, morre de fome, porque só tem os seus braços.

É como as possibilidades de conquistar assim reduções para o pobre, este não conhece o suficiente e assim a produção para si não dando ganho ao proprietário, que se faz produzir para vender. A produção é escravizada.

É este terrível direito de viver à custa alheia (sem trabalhar) e de impedir a produção, isto é, de escravizar os outros, que é a essência da propriedade, ou seja, a que, em vez de se attender ao agravo, pois que a herança aumenta, sem que os herdeiros façam mais do que receber os aluguéis, os dividendos, os juros, os rendimentos!

Surgiam agora que o senhor não herdou, mas ganhou os seus bens — com o suor do seu rosto. Não devem ser grandes, esses bens: nós vemos tanta gente que trabalha e poupa toda a vida e nunca tem vitênis...

É possível explicar pelo trabalho pessoal as fabulosas riquezas dos arqui-millionários norte-americanos? Serão os ricos extracurricularmente mais ativos e inteligentes do que os pobres?

Mas, mesmo grandes, esses bens não são ganhos pelo seu possuidor de trabalhar. Ora, como é que eles, pelo contrário, os conservam e aumentam? Porventura o dinheiro dá filhos? Além do senhorio, o proprietário, o patrão, o industrial, de pé á porta da sua officina, dá ao operário, que pede licença para ser explorado nessa penitenciaría. Vendendo o caro o direito de rebentar do fadiga em minha casa, pagar-me-as com a inabit parte do que produzi...

O proprietário é também agricultor. Nunca tomou um grão do trigo ou do café, uma batata ou um feijão, ou antes, não precisa de o fazer para guardar em seus navios e depósitos todos os produtos da terra. Possui ainda as minas; as magnéticas, as ferrovias, etc.

Muitas vezes distrai-se e deixa escapar: «Os meus capitais trabalham». Mas, como os papéis,

que representam esses capitais, apenas serviram, quando muito, para acender cigarros, mais justo seria que dissesse: «Os meus escravos trabalham». Porque os capitais não fructificam sózinhos.

Para conquistar o direito de dizer aos outros: «trabalhai para mim» e de ter a ordem cumprida, trata cada um de saltar por cima dos outros, sem se importar com os esmagados. O egoísmo toma formas brutais, que, afinal, não realçam o fim buscado: esta luta feror, entré os homens não é útil ao egoísmo do individuo e da espécie. Aquelle fica ferido, embora vencedor, este degopera. Os homens não são muito conscientes ainda da solidariedade, que tem feito progredir a humanidade. Onde, afinal, é a cooperação de forças que triunfa, a concorrência, a mentalidade que dela resulta fez ver a utilidade da luta.

O estado de espirito proveniente da concorrência tem duas faces: o desejo de trepar, o arrivismo; e o servilismo. O homem faz-se servir á baixo com os que têm o poder, dado sobretudo pela riqueza, e orgulhosamente e reptante com o que está abaixo dele na escala social.

O fracó não tem meios de defesa; o fracó é o que, por circunstâncias fortuitas de nascimento ou por incertezas da luta, que não permitem o viltoso, se não mais forte física e intelectualmente, está privado dos meios economicos-politicos de ser independente ou de dominar.

Mas, se o fracó ataca o forte, todos os meios de repressão e toda a moral da sociedade se põem em ação. Um operário não acha trabalho; rouba; logo a noção de roubo, que se perdura por entre as operações dúbias dos banqueiros e comerciantes, entra a exploração capitalista, entre o banditismo social largamente organizado, ressurge implacável e inflavel e o gladio da justiça lida.

Campe á consciência, nova organizadora uma sociedade em que os meios lúcris nem herança, em que os trabalhadores não deixam os meios a si, melhor parte da sua produção para os capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livre, pertencem a todos, em que todos cooperem no bem-estar de todos.

NENO VASCO.

## A ANARQUIA

### EM NOME DE QUEM VENHO

Venho em nome dos pequenos, dos parias, dos humildes...

Em nome do oprimito contra o opressor; do pobre contra o rico; do pequeno contra o grande.

Venho em nome daqueles que não têm pão; daqueles que não têm lar; daqueles que não têm um tempo; daqueles que têm sede de amor; daqueles que nunca tiveram uma beinfazeja e corinhosa mão a suavizar a agonia; daqueles que vivem no odio perene.

Octavio Brandão.

## A ANARQUIA

Quando o operário confia em sua e deturpada, desconfiança a sua organização.

Neno Vasco.



O polvo negro que tenta prender o mundo em convulsão libertaria com seus tentáculos atrofiados

## Malandros de coroa ou a coroa dos malandros

### ESCALPELANDO O RASCUNHADO LICINIO

Si Pascal foi considerado torto do inferno nada de mais é que um discípulo dos que amaldiçoaram Pascal, atormentaram Galileu, perseguiram Vester, abominaram o descobridor do clorofórmo por applicá-o ás parturientes e insultaram Fulton por querer juntar o fogo e a agua, «elementos que Deus linha separado» — me insulta e amaldiço a mim por aspirar uma sociedade melhor, mais equitativa e mais perfeita.

Sou um garganta, o mais garganta dos anarquistas, na opinião miseravel e perversa do rapa-galhetas da sacristia do Braz.

Explica-se que os catholicos se habem todos pela lei Adolfo Cordo, lei repressiva, lei infame, lei criminosa, lei sclerada que vem encher de opróbrio um povo e fazenos regressar aos tempos medievais. Eles são logicos. São monstros, mas são logicos. Apitam os espirito de Torquemada, de Pedro de Arbuc, de Domingos Gusmão e outros bandidos que floresceram como excrecencia malida no mundo, para encher de horror e sangue a historia e rodear de sinistra gloria essa Igreja cujos crimes não podem encontrar remissão no Himmundade.

É pois com gaudio que todos os bandidos vêm essas leis assassinas, essas leis que lhes fazem recordar os tempos da Inquisição, das Dragonadas, das Cruzadas, etc., etc., e que todo homem de coração lembra com repugnancia e horror!

Assim como o corvo é atraído pela carnice, o catholico gosa quando vê a repressão malvada e rancorosa de Liberdade!

O catholico sente volupta em ver o mal, a desgraça alheia. Quando vê as liberdades suprimidas, a repressão feroz campeando livremente, a propria segurança pessoal em perigo imminente

III

É que dá se sente satisfeito e impellido mais justificado orgulho. A sua alma de liquidador sentese á vontade no meio da desolação e da desgraça alheia.

Por isso applaude a lei Adolfo Cordo, como applaude todas as leis malvadas, todas as ações ignobis, todos os atos delictavaes.

Tudo que é bom e útil ele abomina, é insulta, etc. infama. Só com o que é ruim e detestavel ele gloria.

Alma de sombra, aborrece a luz. Coração de chical, só se sente bem onde presente carnificina e sangue.

Ele, que é mesquinho, sovina, egoista, má, não pôde admitir nem consentir que existam homens generosos, nobres, altruistas, que tenham uma sociedade humanitaria e fraternal, sem explorações, sem infamias, sem crimes, sem velhacos de balcão, sem trufados fura-grèves, sem chateles dos argentinos, sem espíes das autoridades — emfim uma comunidade de seres limpos e honrados, dignificados pelo trabalho e pelo amor leal e franco.

Uma sociedade sem Licínio, porque Licínio é o papa; Licínio são os cardeais, Licínio é o Street, Licínio é o Adolfo Cordo e toda a farandula politiquista que conspira contra a Liberdade. Licínios são todos os criminosos, todos os espíes, todos os miseráveis, todos os infames que pululam nesta sociedade corrupta e atalhada.

É justamente por isso que os Licínios me insultam e difamam todo o homem que quer o bem do seu semelhante.

EVERARDO DIAS.

A liberdade não deve estar num livro, deve estar no povo e ser prática em pratica.

Solmi-Just.

## A ITALIA EM CONVULSAO

### Terá terminado o movimento iniciado pelos metalurgicos?

#### Não obstante tudo, o proletariado italiano prepara a Revolução Social

O esplendido movimento dos metalurgicos, que tantas esperanças suscitou e que pelo caracter que estava tomando parecia o prologo da almejada revolução social, terminou ou está em vias de terminar.

De resto, duas eram as soluções possiveis: 1.a — o movimento alargar-seia por todas as classes, tomando uma feição economica e politica ao mesmo tempo de subversão aos poderes constituidos; daí resultaria inevitavel a reação burgueza e o choque dessas duas forças antagonicas produzir-se-ia a revolução. 2.a — o movimento por falta da adesão imediata de outras classes, pela altitude do governo e dos dirigentes das massas, reduzia-se ao exlito limite das completas economicas. Foi o que se deu.

Concluido, ainda não alcançaram o objecto, que se pretendiam, pois tinham em vista a posse das fabricas e dos instrumentos de trabalho, os metalurgicos não se deixaram ganhar uma boa batalha e marcaram passo para a frente.

A admissão do controle operario por parte dos industriais denota, além de uma patente fraqueza destes a vontade e applido dos trabalhadores para gerir as fabricas, estabelecendo a produção consciente.

Fala se tambem em participação dos lucros da industria da parte dos operarios, mas não sabemos ao certo se essa clausula formou uma das bases de accordo e em que forma foi feita.

Acreditamos, porém, que o divido nos lucros seja de pernicioso effeito para o operariado, porque desenvolve-lhe o espirito egoistico, forma uma categoria a parte de privilegiados no seio dos proprios trabalhadores, solidaria o regimen de propriedade individual, porque considera como sua propriedade e fatias, permanecendo de faz com que o desigualdade que faz com que o patrão perciba sem trabalhar 50 oje dos lucros, enquanto ele que trabalha recebe apenas 2 oje, na melhor das hipoteses.

Segundo rezam os telegramas, o resultado do referendum para a desconfiança das fabricas e a accelliação do accordo celebrado pela Confederação Geral do Trabalho dá uma maioria, até o presente, de 81.277 votos; precisamos contar, porém, com mais de 300.000 que podem fazer perder a-balança para o outro lado.

Seja como for, a minoria que não accella o accordo é, pelos resultados conhecidos, já de mais de 40.000 operarios; e nós sabemos que são sempre as minorias, com sciencias e audazes que arrastam as maiorias e nunca estas áque-las.

Em muitos estabelecimentos os operarios se recusam terminantemente a abandonar-se, dispostos como estão, a tudo. O slonima é confortador. Estamos convencidos de que os «proletários», os «prescicami» não retornarão ás fabricas sem luta.

De qualquer forma, porém, que se solucione o presente conflicto, não terá fechoado o ciclo

das grandiosas agitações que convulsionam a Italia. Estamos apenas no inicio.

«Dem diz a Ideia Nacional, que será preferivel a revolução a essas continuas e violentas agitações».

Chegamos a um ponto, na Italia, que o operariado trabalha contratado e sem vontade, por que, a par de uma elevada consciencia de classe, desenvolveu-se-lhe o desejo ardente de receber por inteiro o fruto do proprio trabalho. E não está satisfeito esse seu justo desideratum? Além disso, adomestado pela tragica e sanguinolenta guerra e pelos seus tristes resultados, tornou-se-lhe evidente que não haverá paz verdadeira e fecunda no mundo, até o dia em que sobre as ruínas fumegantes desta sociedade «malhada» seja implantado o regimen dos livres e dos graes.

URANOS.

## Anotações

O burguez com a sua bolsa, seu baixo egoísmo e sua vaidade não pôde compreender as teorias abnegadas daquelle galileu, um tanto simpatico e um tanto visionario, cuja va tabularia foi querer transformar a alma hedionda da besta romana judia na pura e astral dos lirios. E nasceo dal todo esse conjunto de anti-nomias que intrigam profundamente os que não conhecem a essência da riqueza e hipocrisia a flutuar sobre os prefeudados povos cristãos.

É preciso provar que o tradicionalismo é o maior inimigo do progresso.

Sentar-se sobre um moço era a honra maior que uma dama podia aspirar na corte de Luis 14.

Deixar as patas do papa ou os fundinhos de um tiraneto republicano é o ideal de muita gente «fina».

Mas ainda ha muito credito no mundo!

A historia não é uma fideicúcia, nem o humio d'uma manequim nas mãos de uma divindade qualquer que o vai movendo á vontade.

Octavio Brandão.

## Boletim da C. E. 3 o C. O.

Será distribuido no principio da proxima semana o primeiro numero do Boletim da Comissao Executiva do 3.º Congresso Operario, com 24 paginas, contendo artigos, illustrações, notas e informacões sobre o movimento proletario do Brazil.

O dragão que está á entrada do palácio anárquico nada tem de terrível: é uma palavra apenas! — Eilsée Reclus.

# A PLEBE

A Natureza engendrou o direito de Comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade. — Santo Ambrósio.

TODA A CORRESPONDÊNCIA AO ADMINISTRADOR CECILIO MARTINS

ENDEREÇO CAIXA POSTAL 195 - S. PAULO Séde: LADEIRA FORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: Ano, 10\$000; Semestre, 5\$000. PACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000. NÚMERO AVULSO 100 REIS

## A PROPRIEDADE

Um operário habita uma casa que foi construída por outros operários; é o morador que a lava, limpa, conserva, embeleza; ao mesmo tempo que tira dela utilidade; e é necessário um concerto, são ainda trabalhadores que a cobrem.

No fim de mais, porém, um inquilino, que não se serve da casa nem trabalhou nela, que nunca fez outro serviço senão o de ter as obras, chega, recebe o aluguel e passa o resto. É a sua única função.

Mas que direito tem esse homem não só a mandar fazer a casa, que não utilizará, mas ainda a receber o imposto que lhe paga o localario?

É bastante singular o direito desse «proprietario». Muitas vezes não fez mais do que herdá-lo, isto é, recebeu-o dum morto!

Um seu antepassado, qualquer juizaria, mal ou bem, honestamente ou não, um tesouro, um capital. Mas por esse facto pôde viver sem trabalhar o resto dos seus dias e até deixar essa faculdade a seus descendentes!

Porque numa familia um só homem trabalha, gerações e gerações vivem parasitariamente do trabalho alheio!

Mas ainda: os que nascem vivos têm somente o direito de viver á custa dos outros; a exploração vai mais longe. O proprietário, senhor dos meios de produção, diz ao proleario, «trabalha para mim».

«Mas que direito tem esse homem não só a mandar fazer a casa, que não utilizará, mas ainda a receber o imposto que lhe paga o localario?»

«É bastante singular o direito desse «proprietario». Muitas vezes não fez mais do que herdá-lo, isto é, recebeu-o dum morto!»

«Um seu antepassado, qualquer juizaria, mal ou bem, honestamente ou não, um tesouro, um capital. Mas por esse facto pôde viver sem trabalhar o resto dos seus dias e até deixar essa faculdade a seus descendentes!»

«Porque numa familia um só homem trabalha, gerações e gerações vivem parasitariamente do trabalho alheio!»

que representam esses capitais, apenas serviriam, quando muito, para acender cigarros, mais justo seria que dissesse: «Os meus escravos trabalham». Porque os capitais não fructificam sózinhos.

Para conquistar o direito de dizer aos outros: «trabalha para mim», e de ter a ordem cumprida, trata cada um de saltar por cima dos outros, sem se importar com os esmagados. O egoismo toma formas brutais, que, afinal, não realizam o fim buscado: esta luta feroz entre os homens não é útil ao egoismo do individuo e da especie. Aquelle fica ferido, embora vencedor, este deghegra. Os homens não são muito conscientes ainda da solidariedade, que tem feito progredir a humanidade. Onde, afinal, é a cooperação de forças que triunfa, a concorrência, a mentalidade que dela resulta fez ver a utilidade da luta.

O estado de espirito proveniente da concorrência tem duas faces: o desejo de trépar, o ar-rivismo; e o servilismo. O homem faz-se servir e baixo com os que têm o poder, dado sobretudo pela riqueza, e orgulhoso e prepotente com o que está abaixo dele na escala social.

O fracço não tem meios de defesa; o fracço é o que, por circunstâncias fortuitas de nascimento ou por incertezas da luta, que não garantem a vitória ao mais forte física e intelectual-mente, está privado dos meios economicos-politicos de ser independente ou de dominar.

Mas, se o fracço ataca o forte, todos os meios de repressão e toda a moral da sociedade se põem em ação. Um operário não acha trabalho; rouba; logo a noção de roubo, que se perdura por entre as operações dúbias dos banqueiros e comerciantes, entre a exploração capitalista, entre o banditismo social legalmente organizado, ressurge implacável e inflexível e o gladio da justiça lere.

Cumpre á consciência nova organizar uma sociedade em que não haja lucro nem herança, em que os trabalhadores não deixem os meios e a melhor parte da sua produção nas mãos dos capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livre, pertençam a todos, em que todos cooperem no bem-estar de todos.

NENO VASCO.

## A ANARQUIA

### EM NOME DE QUEM VENHO

Venho em nome dos pequenos, dos parias, dos humildes...

Em nome do oprimito contra o opressor; do pobre contra o rico; do pequeno contra o grande.

Venho em nome daqueles que não têm pão; daqueles que não têm lar; daqueles que não têm um tempo; daqueles que têm sede de amor; daqueles que nunca tiveram uma beinfazeja e corinhosa mão a suavisar a agonia; daqueles que vivem no odio perene.

Octavio Brandão.

Quando o operariado confia em si e se organiza, deixa enraquecer a sua organização.

Neno Vasco.



O polvo negro que tenta prender o mundo em convulsão libertaria com seus tentáculos atrofiadores

## Malandros de coroa

### ou a coroa dos malandros

#### ESCALPELANDO O RASCUNHADOR LICINIO

Si Pascal foi considerado teólogo do inferno nada de mais é que um discípulo dos que amaldiçoaram Pascal, atormentaram Galileu, perseguiram Vesler, abominaram o descobridor do clorofórmio por aplicar-o ás parturientes e insultaram Fulton por querer juntar o fogo e a agua, «elementos que Deus tinha separado» — me insulte e amaldiço a mim por aspirar uma sociedade melhor, mais equitativa e mais perfeita.

Sou um garganta, o mais garganta dos anarquistas, na opinião miserável e perversa do rapa-galhetas da sacristia do Braz.

Explica-se que os catholicos se bebem todos pela lei Adolfo Cordo, lei repressiva, lei infame, lei criminosa, lei sclerada que vem encher de opróbrio um povo e fazer-nos regressar aos tempos medievais. Eles são logicos. São monstros, mas são logicos. Animados o espirito de Torquemada, de Pedro de Arbúes, de Domingos Gusmão e outros bandidos que floresceram como excrecência maldita no mundo, para encher de horrores e sangue a historia e rodar de sinistra gloria essa Igreja cujos crimes não podem encontrar remissão no Humanidade.

É pois com gaudio que todos os bandidos vêm essas leis assassinas, essas leis que lhes fazem recordar os tempos da Inquisição, das Dragonadas, das Cruzadas, etc., etc., e que todo homem de coração lembra com repugnancia e horror!

Assim como o corvo é atraído pela carne, o catholicos gosa quando vê a repressão malvada e rancorosa de Liberdade!

III. É que que se sente satisfeito e impa do mais justificado orgulho. A sua alma de inquisidor sente-se á vontade no meio da desolação e da desgraça alheia.

Por isso aplaude a lei Adolfo Cordo, como aplaude todos as leis malvadas, todas as ações ignobis, todos os atos delataveis. Tudo que é bom e útil ele abomina, lêe insulta, lêe infama. Só com o que é ruim e detestavel ele gloria.

Alma de sombra, aborrece a luz. Coração de chacal, só se sente bem onde presenciar carnificina e sangue.

Ele, que é mesquinho, sovina, egoista, má, não pôde admittir nem consentir que existam homens generosos, nobres, altruistas, que tenham uma sociedade harmonica e fraternal, sem explorações, sem infâmias, sem crimes, sem velhacos de batina, sem tartufos fura-grèves, sem chateiras dos argentinos, sem espíes das autoridades — enfim uma comunidade de seres limpos e honrados, dignificados pelo trabalho e pelo amor leal e franco.

Uma sociedade sem Licínio, porque Licínio é o papa, Licínio são os cardeais, Licínio é o Street, Licínio é o Adolfo Cordo e toda a farandula politiqueteira que campira contra a Liberdade, Licínio são todos os criminosos, todos os espíes, todos os miseráveis, todos os infames que pululam nesta sociedade corrupta e atanhada.

É justamente por isso que os Licínios me insultam e difamam todo y homem que quer o bem do seu semelhante.

EVERARDO DIAS.

A liberdade não deve estar num livro, deve estar no povo e ser pósta em pratica.

Solmi-Just.

## A ITALIA EM CONVULSÃO

### Terá terminado o movimento iniciado pelos metalurgicos?

#### Não obstante tudo, o proletariado italiano prepara a Revolução Social

O esplêndido movimento dos metalurgicos, que tantas esperanças suscitou e que pelo caracter que estava tomando parecia o prologo da almejada revolução social, terminou ou está em vias de terminar.

De resto, duas eram as soluções possíveis: 1.a — o movimento alargar-seia por todas as classes, tomando uma feição economica e politica ao mesmo tempo de subversão aos poderes constituídos; dal resultaria inevitavel a reação burgueza e do choque dessas duas forças antagonicas produzir-seia a revolução; 2.a — o movimento por falta da adesão imediata de outras classes, pela altitude do governo e dos dirigentes das massas, reduzir-seia ao estulto limite das competições economicas. Foi o que se deu.

Concluido, ainda não alcançando o obetivo, que se preferiram, pela linha em vista a posse das fabricas e dos instrumentos de trabalho, os metalurgicos não se deixaram enganar por uma boa balatista e marcaram passo para a frente.

A admissão do «controle» operario por parte dos industriais denota, além de uma patente fraqueza destes, a vontade e applido dos trabalhadores para gerir as fabricas, estabelecendo a produção consciente.

Fala se também em participação dos ductos da industria da parte dos operarios, mas não sabemos ao certo se essa clausula formou uma das bases de accordo e em que forma foi feita.

Acreditamos, porém, que a divisão dos lucros seja de pernicioso efeito para o operariado, porque desenvolve-lhe o espirito egoistico, fôrma uma categoria á parte de privilegiados no seio dos proprios trabalhadores, consolidando o regimen de propriedade individual, porque considera como sua propriedade a fabrica, permanecendo de pé a flagrante desigualdade que faz com que o patrão perceba sem trabalhar 50 o/o dos lucros, enquanto que o trabalhador recebe apenas 2 o/o, na melhor das hipoteses.

Segundo rezam os telegramas, o resultado do «referendum» para a desocupação das fabricas e a acção do accordo celebrado pela Confederação Geral do Trabalho dá uma maioria, até o presente, de 81.627 votos; mais de 300.000 que podem fazer perder a-balança para o outro lado.

Seja como for, a minoria que não acella o accordo é, pelos resultados conhecidos, já de mais de 40.000 operarios; e nós sabemos que são sempre as minorias, cónscientes e audazes, que arrastam as majorias e nunca estas áquelas.

Em muitos estabelecimentos operarios se recusam terminantemente a abandonar-se, dispostos como estão, a tudo. O slonimo é confortador. Estamos convencidos de que os «profiteiros», os «presciantes» não retornarão ás fabricas sem luta.

As grandiosas agitações que convulsionam a Italia. Estamos apenas no inicio...

Dem diz a Ideia Nacional, que será proletária a revolução a essas condições e violentas sa-cudidas.

Chegamos a um ponto, na Italia, que o operariado (trabalha contrariado e sem vontade, por que, a par de uma elevada consciência de classe, desenvolve-se-lhe o desejo ardente de receber por inteiro o fruto do proprio trabalho. E não está satisfeito esse seu justo desiderato?

Além disso, admoestado pela tragica e sanguinolenta guerra e pelos seus fructos, resultados tornouse-lhe evidente que não haverá paz verdadeira e fecunda no mundo, até o dia em que sobre as ruínas fumegantes desta sociedade maldita seja implantado o regimen dos livres e dos iguaes.

URANOS.

Notações

O burguez com a sua bafada, seu baixo egoismo e sua vaidade não pôde compreender as teorias abnegadas daquela gallina, um tanto simpatico e um tanto visionario, cuja via tentativa foi querer transformar a alma herdada da besta romana-judia na pureza actual dos lirios. E nasce dal todo esse conjunto de anti-nomias que intriguam profundamente os que não gozham a essência de saúde e hipocrisia a flutuar sobre os pretendidos povos cristãos.

É preciso provar que o tradicionalismo é o maior inimigo do progresso.

Sentir-se sobre um moço era a honra maior que uma dama podia aspirar na corte do Luiz 14.

Deixar as patas do papa ou os fundilhões de um tiraneto republicano é o ideal de muita gente «fina».

Mas ainda ha muito caminho no mundo!

Octavio Brandão.

## Boletim da C. E. 3. o C. O.

Será distribuido no principio da proxima semana o primeiro numero do Boletim da Comissão Executiva do 3.º Congresso Operario, com 24 paginas, contendo artigos, illustrações, notas e informações sobre o movimento proletario do Brazil.

O dragão que está á entrada do palacio anárquico nada tem de terrível: é uma palavra apenas! — *Ellsée Reclus.*

# A PLEBE

A Natureza engendrou o direito de Comunidade; e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade. — *Santo Ambrósio.*

TODA A CORRESPONDÊNCIA AO ADMINISTRADOR CECILIO MARTINS  
 ENDEREÇO CAIXA POSTAL 195 — S. PAULO  
 Séde: LÁDEIRA FORTO GERAL, 9  
 ASSINATURAS: Ano, 10\$000; Semestre, 5\$000  
 PACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000  
 NUMERO AVULSO 100 REIS

## A PROPRIEDADE

Um operário habita uma casa que foi construída por outros operários; é o morador que, a lava, limpa, conserva, embeleza; ao mesmo tempo que tira da utilidade; se é necessário um concerto, são ainda trabalhadores que acodem.

No fim de mais, porém, um inuíto, que não se serve da casa nem trabalhou nela, que nunca fez outro serviço senão o de ver as obras, chega, recebe o pluguel e passa o recibo. É a sua única função.

Mas que direito tem esse homem não só a manular fazer a casa, que não utilizará, mas ainda a receber o imposto que lhe paga o locatário?

É bastante singular o direito desse «propietário». Muitas vezes não fez mais do que herdá-lo, isto é, recebeu-o dum morto!

Um seu antepassado, qualquer juntra, mal ou bem, honestamente ou não, um teouuro, um capitál. Mas por esse facto pôde viver sem trabalhar o resto dos seus dias e até deixar essa faculdade a seus descendentes! Porque numa família um só homem trabalha, gerações e gerações vivem parasitariamente do trabalho alheio!

Meia ainda: os que nascem vivos têm somente o direito de viver á custa dos outros; a exploração vai mais longe. O proprietário, senhor dos meios de produção, diz ao proletário, «traballa»; tem troca do teu trabalho; dá-te-lhe apenas uma parte do valor do produto; se não aceita, morre de fome, porque só tens os teus braços.

E como as possibilidades de ganhar são assim reduzidas para o pobre, este não consegue o suficiente e assim a produção para, já não dando ganho ao proprietário, que só faz produzir para vender. A produção é estorvada.

É este terrível direito de viver á custa alheia (sem trabalhar) e de impedir a produção, isto é, de estorvar a produção, que é transmitido de geração para geração o que, em vez de se atenuar, se agrava, pois que a herança aumenta, sem que os herdeiros façam mais do que receber os alugueiros, os dividendos, os juros, os rendimentos!

Suponhamos agora que o senhorio não herdou, mas ganhou os seus bens — com o suor do seu rosto. Não devem ser grandes, esses bens: nós vemos tanta gente que trabalha e poupa toda a vida e nunca tem vinte mil... É possível explicar pelo trabalho pessoal as fabulosas riquezas dos arquimilionários norte-americanos?... Serão os ricos extraordinariamente mais ativos e inteligentes do que os pobres?

Mas, mesmo grandes, esses bens acabam-se, quando o seu possuidor de trabalhar. Ora, como é que eles, pelo contrario, se conservam e aumentam? Porventura o dinheiro dá filios? Além do senhorio, o proprietário é patrão, é industrial. Do pé á porta da sua officina, dá ao operário, que pede licença para ser explorado nessa penitenciaría: «Vendo-te caro o direito de tebanlar de fadiga em minha casa; pagar-me-as com a maior parte do que produzires».

O proprietário é também agricultor. Nunca soueou um grão de trigo ou de café, uma batata ou um feijão, ou anas, não precisa de o fazer para guardar em seus navios e depósitos todos os produtos da terra. Possui ainda as minas, as maquinas, as ferrovias, etc.

Muitas vezes distrai-se e deixa escapar: «Os meus capitais trabalham». Mas, como os papéis,

que representam esses capitais, apenas serviram, quando muito, para acender cigarros, mais justo seria que dissesse: «Os meus escravos trabalham». Porque os capitais não fructificam sózinhos.

É para conquistar o direito de dizer aos outros: «trabalha para mim» e de ver a ordem cumprida, trata cada um de saltar por cima dos outros, sem se importar com os esmagados. O egoismo toma formas brutais, que, afinal, não realizam o fim buscado: esta luta feroz entre os homens não é util ao egoismo do individuo e da especie. Aquele fica ferido, embora vencedor, este degepra. Os homens não são muito conscientes ainda da solidariedade, que tem feito progredir a humanidade. Onde, afinal, é a cooperação de forças que triunfa, a concorrência, a mentalidade que dela resulta faz ver a utilidade da luta.

O estado de espirito proveniente da concorrência tem duas faces: o desejo de trépar, o arrivismo; e o servilismo. O homem faz-se servil e baixo com os que tem o poder, dado sobretudo pela riqueza, e orgulhoso e prepotente com o que está abaixo dele na escala social.

O fracço não, tem meios de defesa; o fracço é o que, por circunstâncias fortuitas de nascimento ou por incertezas da luta, que não garante a vitória ao mais forte física e intellectualmente, está privado dos meios economicos-politicos de ser independente ou de dominar.

Mas, se o fracço ataca o forte, todos os meios de repressão e toda a moral da sociedade se põem em ação. Um operário não acha trabalho; rouba; logo a noção de roubo, que se perdura por entre as operações dúbias dos banqueiros e comerciantes, entre a exploração capitalista, entre o banditismo social legalmente organizado, ressurge implacavel e inflexivel e o gladio da justiça lóe.

Campe! A consciência nova organiza uma sociedade em que não haja lucro nem herança, em que os trabalhadores não deixem os meios e a melhor parte da sua produção nas mãos dos capitalistas, em que os meios de produzir, de ser livre, pertençam a todos, em que todos cooperem no bem-estar de todos.

NENO VASCO.

## A ANARQUIA

### EM NOME DE QUEM VENHO

Venho em nome dos pequenitos, dos parins, dos humildes...

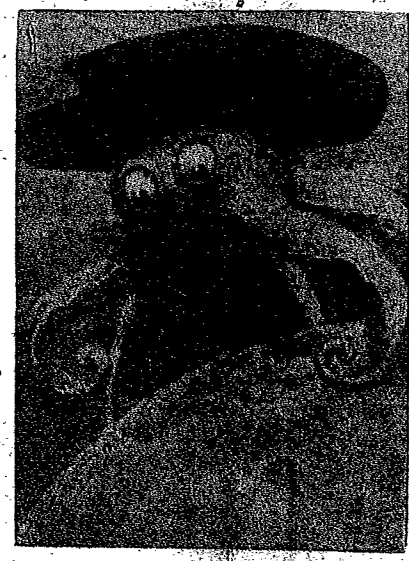
Em nome do oprimito contra o oppressor; do pobre contra o rico; do pequeno contra o grande.

Venho em nome daqueles que não têm pão; daqueles que não têm lar; daqueles que não têm um lençal; daqueles que têm sede de amor; daqueles que nunca tiveram uma benfazeja e corinhosa mão a suavizar a agonia; daqueles que vivem no odio perene.

Octavio Brandão.

Quando o operariado confia em seus deputados, deixa enraquecer a sua organização.

Neno Vasco.



O polvo negro que tenta prender o mundo em convulsão libertaria com seus tentáculos atrofiadores

## Malandros de coroa ou a coroa dos malandros

### ESCALPELANDO O RASCUNHADOR LICINIO

Si Pascal foi considerado tentação do inferno nada de mais é que um discípulo dos que amaldiçoaram Pascal, atormentaram Galileu, perseguiram Vesler, abominaram o descobridor do clorofórmio por applical-o ás parturientes e insultaram Fulton por querer juntar o fogo e a agua, «elementos que Deus tinha separado» — me insulte e amaldiçoie a mim por aspirar uma sociedade melhor, mais equitativa e mais perfeita.

Sou um garganta, o mais garganta dos anarquistas, na opinião miseravel e perversa do rapa-galhetas da sacristia do Braz.

Explica-se que os catholicos se sabem todos pela lei Adolfo Gordo, lei repressiva, lei infame, lei criminosa, lei sclerada que vem encher de opróbrio um povo e faz-nos regressar aos tempos medievais. Eles são logicos. São monstros, mas são logicos. Anta-mos o espirito de Torquemada, de Pedro de Arbués, de Domingos Gusmão e outros bandidos que floresceram como excrecencia maligna no mundo, para encher de horror e sangue a historia e rodear de sinistra gloria essa Igreja cujos crimes não podem encontrar remissão na Humanidade.

E pois com gaudio que todos os bandidos vêm essas leis assassinas, essas leis que lhes fazem recordar os tempos da Inquisição, das Dragonadas, das Cruzadas, etc., etc., e que todo homem de coração lembra com repugnancia e horror!

Assim como o corvo é atraído pela carniça, o catolico gosa quando vê a repressão malvada e rancorosa de Liberdade!

O catolico sente a volúpia em ver o mal, a desgraça alheia. Quando vê as liberdades suprimidas, a repressão feroz campando infrene, a propria segurança pessoal em perigo imminente

é que ele se sente satisfeito e impa do mal justificado orgulho. A sua alma de inquisidor sente-se á vontade no meio da desolação e da desgraça alheia.

Por isso aplaude a lei Adolfo Gordo, como aplaude todas as leis malvadas, todas as ações ignobes, todos os atos delelavéis.

Tudo que é bom e util ele abomina, ele insulta, ele infama.

Só com o que é ruim e detestavel ele gloria.

Alma de sombra, aborrece a luz. Coração de chacal, só se sente bem onde presente carnificina e sangue.

Ele, que é mesquinho, sovina, egoista, má, não pôde admitir nem consentir que existam homens generosos, nobres, altruistas, que sonhem uma sociedade harmonica e fraternal, sem explorações, sem infamias, sem crimes, sem velhacos de batina, sem tartufos fura-grèves, sem chaleiras dos argentarios, sem espíes das autoridades — emfim uma comunidade de seres limpos e honrados, dignificados pelo trabalho e pelo amor leal e franco.

Uma sociedade sem Licínios, porque Licínio é o papa, Licínios são os cardeais, Licínio é o Street, Licínio é o Adolfo Gordo e toda a farandula politiqueteira que campia contra a Liberdade. Licínios são todos os criminosos, todos os espíes, todos os miseráveis, todos os infames que pululam nesta sociedade corrupta e açanhalhada.

É é justamente por isso que os Licínios me insultam e difamam todo o homem que quer o bem do seu semelhante.

EVERARDO DIAS.

A liberdade não deve estar num livro, deve estar no povo e ser posta em pratica.

Saint-Just.

## A ITALIA EM CONVULSÃO

### Terá terminado o movimento iniciado pelos metalurgicos?

Não obstante tudo, o proletariado italiano prepara a Revolução Social

O espléndido movimento dos metalurgicos, que tantas esperanças suscitara e que pelo caracter que estava tomando parecia o prologo da almejada revolução social, fermitou: ou está em vias de terminar.

De resto, duas eram as soluções possíveis: 1.a — o movimento alargar-seia por todas as classes, tomando uma feição economica e politica ao mesmo tempo de subversão aos poderes constituídos; daí resultaria inevitavel a reação burgueza e do choque dessas duas forças antagonicas produzir-seia a revolução; 2.a — o movimento por falta da adesão imediata de outras classes, pela altitude do governo e dos dirigentes das massas, reduzir-seia ao estirilo limite das compellibis economicas. Foi o que se deu.

Concluido, ainda não alcançando o objetivo que se prebaram, pois tinham em vista a posse das fabricas e dos instrumentos de trabalho, os metalurgicos não se negarão a estabelecer uma boa batalha e marcaram passo para a frente.

A admissoão do «controle» operario por parte dos industriais denota, além de uma patente fraqueza-déstes, a vontade e apitido dos trabalhadores para gerir as fabricas, estabelecendo a produção consciente.

Fala se tambem em participação dos ductos da industria da parte dos operarios, mas nós sabemos ao certo se essa clausula formou uma das bases de accordo e em que forma foi feita.

Acreditamos, porém, que a divisão dos lucros seja de pernicioso efeito para o operariado, porque desenvolve-lhe o espirito egoístico, fôrma uma categoria á parte de privilegiados no seio dos proprios trabalhadores, solidado o regimen de propriedade individual, porque considera como sua propriedade a fabrica permanecendo de paz a flagrant desigualdade que faz com que o patrão perciba sem trabalhar 50 por cento dos lucros, enquanto ele que trabalha recebe apenas 20 por cento das hipoteses.

Segundo rezam os telegramas, o resultado do «referendum» para a desocupaão das fabricas e a aceitação do accordo celebrado pela Confederação Geral do Trabalho dá uma maioria, até o presente, de 81.277 votos; precisamos contar, porém, com mais de 300.000 que podem fazer pendere a-balanca para o outro lado.

Seja como for, a minoria que não aceita o accordo é, pelos resultados conhecidos, já de mais de 40.000 operarios; e nós sabemos que são sempre as minorias, os científicos e audazes que arrastam as maiorias e nunca estas áquelas.

Em muitos estabelecimentos os operarios se recusam terminantemente a abandonar os postos, como estão, a tudo. O slonima é confortador. Estamos convencidos de que os «profiteiros», os «presciantes» não retornarão ás fabricas sem luta.

De qualquer forma, porém, que se solucione o presente conflito, não terá fechoado o ciclo

das grandiosas agitações que convulsionam a Italia. Estamos apenas no inicio...

Bem diz a aldeia Nacional, que será preferivel a revolução a essas continuas e violentas sacudidelas.

Chegamos a um ponto, na Italia, que o operariado trabalha contrariado e sem vontade, por que, a par de uma elevada consciencia de classe, desenvolveu-se-lhe o desejo ardente de receber por inteiro o fruto do proprio trabalho. E não está satisfeito esse seu justo desideratum? Além disso, admoestado pela tragica e sanguinolenta guerra e pelos seus tristes resultados, tornou-se-lhe evidente que não haverá paz verdadeira e fecunda no mundo, até o dia em que sobre as ruínas fumegantes desta sociedade maldita seja implantado o regimen dos livres e dos guais.

URANOS.

## Anotações

O burguez com a sua bu-sofia, seu baixo egoismo e sua vaidade não pôde compreender as teorias abrogadas daquele galileu, um tanto simpatico, e um tanto visionario, cuja via tentativa foi querer transformar a alma hedonista da bestia romana judia na pureza astral dos lirios. E passos da-tudo esse conjunto de anti-nomias que intrinagam profundamente as essências de sã-deza e hipocrisia a flutuar sobre os pretendidos povos cristãos.

É preciso provar que o tradicionalismo é o maior inimigo do progresso!

Sentar-se sobre um moço era a honra maior que uma dama podia aspirar no corte de Luiz 14.

Beijar as patas do papa ou os fundilhos de um tiranete republicano é o ideal de muita gente «flua».

Mas ainda ha muito cretino no mundo!

A historia não é uma teodiceia, nem o homem é um manequim nas mãos de uma divindade qualquer que o vai movendo á vontade.

Octavio Brandão.

## Boletim da C. E. 3.º C. O.

Será distribuido no principio da proxima semana o primeiro numero do Boletim da Comissão Executiva do 3.º Congresso Operario, com 24 paginas, contendo artigos, illustrações, notas e informações sobre o movimento proletario do Brazil.





# Ainda a proposito das Escolas Modernas

## O 1.º anniversario de seu encerramento

Alguem poderá agora parecer inoportuna a questão do fechamento das Escolas Modernas de São Paulo, porque isso é já um fato consumado e também pela razão de que muito já se tem falado sobre ele. Mas nem por isso devemos deixá-lo em silêncio, porque o tempo não tem o poder de lançar no esquecimento os factos que impressionam fortemente o espirito de toda uma população e passam para o dominio da historia afim de mais realçar a grandeza moral dos perseguidos e a bafeza degradante dos perseguidores, que se eternizam como a luz e a sombra desses quadros reveladores das almas grandes que na luta contra a tirania foram sacrificadas pelo seu elevado e nobilitante serviço à causa do bem, da verdade e da justiça. O tempo não tem poder sobre aquilo que respeita os altos interesses humanos, nem sobre os atos que sintetizam as aspirações do Bem, da Paz e da Liberdade. Ele não lança no esquecimento os heróis verdadeiramente grandes pelo coração e pelo ideal porque estes não morrem: são eternos, como eterna é a Verdade.

Giordano Bruno, Savonarola, João Huss; apesar do que sofreram, ainda vivem na nossa memória; Ferrer, vitimado pela quadrilha negra dos sotaimes da terra e dos torquemadas, dos latrões e dos mauros não morreu para a memoria do povo de Espanha, mas se tornou intemporal, vivendo na glorificação de suas obras, a despeito de todas as perseguições que as mesmas têm merecido em todas as partes onde dominam as trevas, onde a mentira, a falsidade, o vicio e o crime são erigidos em principios e servem de norma aos depósitos elevados à altura em que se possa destacar o máximo da perversidade do regime social que infelicia os povos da terra.

Haja vista esta cidade, que é a capital do mais importante Estado da Federação Brasileira. Temos falta de escolas para a educação do povo e, no entretanto, há um ano, fecharam-se sem mais nem menos, as nossas Escolas Modernas. E o motivo? A razão desse facto reprovavel e atroz?

Quêrem saber-o? O governo as fechou porque ellas não se encaixavam na mentalidade convencional desta sociedade degenerescente e suspensa entre os últimos e os primeiros momentos de um movimento franco e progressivo de suas energias. Vendo perigo em tudo, até da propria sombra se apavora, como o condenado na atormentação dolorosa dos remorsos atrozes. O governo tem medo e o medo é mau conselho. Foi o medo que o fez agir?

Mas medo de que? Não o sabemos. Nessas escolas se ensinava aos alunos a fabricação de bombas explosivas para fins revolucionarios? Não, não foi por isso, apesar de que a sua perseguição se verificou depois das lamentaveis occorências de que foi teatro a única casa da rua João Boemer, onde alguns companheiros pereceram vítimas da sua temeridade...

Sabia perfeitamente que não mas acharam que o ensejo era proprio para se impedir o funcionamento de escolas onde se ensinava a moral verdadeira ás crianças que as frequentavam, bem como a seus alunos adultos, cujo numero, entre as duas, quando foram fechadas, atingia a 150 mais ou menos.

E prova de que a moral de tais escolas nada soffria em seu fundamento: humano, racional e justo está bem patenteada no facto de merecer a aprovação dum dos ministros do Supremo Tribunal Federal, quando foi alegado, perante elle, que o professor João Penteado ensinava aos seus alunos que os rjos são fadros que vivem de explorar o suor dos trabalhadores.

Então poderá algum objectar-nos?

As Escolas Modernas, segundo os seus perseguidores, estavam fóra da lei.

Mas nós, que sabemos bem o que é a lei, ajuntamos o seguinte:

Não foi por isso, não. Pois a Escola Moderna N.º 1 estava autorizada pela Diretoria Geral da Instrução Publica e nem por isso ficou salva da sanha governamental e despoeticamente autoritaria ante a qual não hesitaram nem os protestos dos livres pensadores, nem a opinião publica, nem o recurso de habeas-corpus, que, negado pelo Tribunal de Justiça do Estado, deu motivo á que subisse, em grau de recurso, para o Supremo Tribunal Federal, que tambem, por sua vez, obrou de accordo com a vontade dos que governam o Estado Modelo, optando, com pequena excepção, pelo seu fechamento.

A despeito de tudo correr-lhe bem, o governo de São Paulo, quando viu que o caso tinha chegado ao Supremo Tribunal Federal, teve seu momento de apreensão, recomendando logo aos srs. ministros, a quem informou por telefone, pedindo-lhes todo o rigor no julgamento, afim de que a pretensão constante da requisição pedida, apesar de perfeitamente fundamentada pelo perito advogado dr. Luiz Quirino dos Santos, não fosse satisfeita.

Ora, pois, como era de esperar-se a decisão devia ser, como foi, de accordo com a vontade onipotente dos que governam São Paulo, cujo Estado é, por assim dizer, o expoente maximo do espirito de absolutismo ainda remanescente como tara, demonstrativa da força que o passado exerce nas mentalidades deontias desses retardatarios elementares represenados pelos que desfrutam as supremas regalias de latifundiários na terra que se diz da Liberdade e da Independencia.

Mais a proposito do que se passou no Supremo Tribunal Federal, que julgamos conveniente voltar hoje ao assunto, dando aos nossos leitores algumas informações relativamente á discussão do caso do habeas-corpus.

E assisti, narmos o caso. Havia da parte dos srs. ministros, como de costume, grande pressa, e pouco escrupulo no julgamento, mostrando-se, quasi todos, pouco dispostos e com opiniao anticipada sobre o caso, que, segundo as informações do governo de São Paulo, precisava ser decidido á sua vontade.

Mas apesar disso, para realçar a nossa dignidade, houve lá alguns ministros que protestaram contra a ilegalidade e a inominavel violencia posta em pratica pelo despotismo paulista não poupando esforços para a defeza da causa da Verdade e da Justiça.

Assim é que, julgando valiosos os seus conceitos, entendemos de registar aqui, nestas columnas, o que elles disseram, despresando, porém, as argumentações dos convencionalmente enfiados concelhos indignos a proposito da questão, de que hoje, depois de um ano, voltamos a tratar.

Dois foram os ministros que se distinguiram na defeza da liberdade de ensino: os dres. Pedro Micelli e Lins de Albuquerque.

Serviu de relator o dr. Hermeto de Barros. Entre outros argumentos apresentados por aquelles dentre os ministros, lembramos de alguns, que a despeito do tempo decorrido, ainda temos perfeitamente em memoria.

«Nem no tempo do Imperio se viu lá atentado á Constituição politica do país! A liberdade de imprensa, a liberdade de palavra, a liberdade de pensamento era sempre garantida a todos os cidadãos, etc.»

# Grande festival em beneficio de A Plebe

em comemoração ao fuzilamento de Francisco Ferrer organizado pelo GRUPO JUVENTUDE DO FUTURO

realizar-se-á no dia 12 de outubro um festival em beneficio de A Plebe, no Salão Celso Garcia

PROGRAMA

1.ª PARTE — Abertura pela orquestra;

2.ª PARTE — Conferencia pelo companheiro José Elias da Silva, que para esse fim virá do Rio;

3.ª PARTE — **Avatar**, drama em um ato;

4.ª PARTE — **O Peado de Simonia**, comedia em um ato, do camarada Neno Vasco;

5.ª PARTE — **Os Milhões da Cortundinha**, hilariante comedia em um ato.

# Jesus Cristo era anarquista

Acaba de aparecer esteopusculo, editado pelo grupo "A Plebe" e da autoria do camarada Rverardo Dias.

Os camaradas que desejem adquirir este folheto devem dirigir-se á nossa redacção, na rua Porto Geral, n.º — Preço 200 réis.

Os pedidos de mais de 25 exemplares terão um desconto de 30 opo, devendo ser acompanhados das respigvas importantes.

# Mudanças para a luta

Lista n.º 43, a cargo de F. J. Cristina: B. P. 54; F. J. 108; A. P. 13; A. E. 18 — Soma, 173900.

Lista n.º 50, a cargo de Ernesto Barbone: E. B. 108; B. L. 58; U. D. 28; S. S. 58; A. B. S. 108; D. P. 58; E. M. 58; J. P. D. 58; F. B. 108; M. D. 208; C. G. 500. — Total, 778500.

Lista particular de Rio Preto: J. H. 108; N. J. H. 28; S. G. 118; J. F. 108; O. Z. 58; M. A. A. O. 208; J. M. 108; S. H. 58; E. M. 18; M. Q. 58; F. M. 38; J. P. 58; J. P. 58; F. L. 58; C. M. 28; A. S. 58; P. M. 58; J. E. 108; B. S. 108; M. T. 58; Livros, 48. — Total, 1408.

# Nossa Biblioteca

- «Memorias de um Exilado» — Everardo Dias. 15000
- «No Paiz dos Frades» — José Rival. 8500
- «Eltras» (dramas) — anticlerical Peres Oaldós. 8500
- «O que é o Maximismo ou Bolchevismo» — Heleio Negro e Edgard Leuenroth. 3100
- «Evangelho dos Livres» — Anton Schmidt. 8200
- «A Greve da Leopoldina» — Astrolidio Peres. 8200
- «A verdade acerca da Revolução Russa» — Ed. Magner. 18500
- «Jesus Cristo era anarquista» — Everardo Dias. 8200
- «O que querem os anarquistas» — Jorge Tonar. 8200
- «Cancioneiro Vermelho» — 3100
- «Miscerês» — D. R. Filho. 15000
- «Grato no Vaticano» — Vitor Hugo. 4200
- «O Batismo» — Um Pai de Família. 1100
- «A Inquisição» — Eugenio Pelletan. 8200
- «Abusos e Erros do Catholicismo» — Abade João Meiler. 8500
- «Derrocada Ultramaritana» — Dario Veloso. 8200
- «O Livro da Verdade» — A. I. Botelho. 8300
- «O Sagrado Coração de Jesus» — Dnytor M. Roubi. 8200
- «A Igreja e o Povo» — 8200
- «O Milagre de Frei Leonardo» — Francisco Fagundes Lima. 8300
- «A Velhice do Padre Eterno» — Guerra Julgureiro. 29000
- «Da Religião á Anarquia» — Manoel J. da Silva. 8300
- «Aos Camponeses» — Ricardo Meila. 8200
- «Programa Socialista Anarquista» — Malatesta. 8200

# RECADOS PLEBEUS

- CARLOS VALERRIA (Rio Grande) — Recbi a tua o recado. Entregado o dinheiro a P. Lima. Os endergos de jornais mandarei a para somma.
- MAROTA (Campanas) — Recbi os 2008. Seria atendida a medida do possível. Seguem folhetos.
- JUSTO (Cristina) — Recbi luas cartas, a lista e o dinheiro. Respondi por carta. Não a recebeste?
- E. B. (S. Joaquim) — Recbi o cheque. Recebem os folhetos.
- LEITE (Rio) — Continuo esperando folhetos e livros.
- BARROZA (Rio) — Escreva-me em urgencia dando resposta na que mandei perguntar pelo Virgilio.
- ALCIDES (Rio) — Recbi a tua lista informada.
- ROCHA (Rio) — Espero os folhetos a colheção pedida.

# Cancioneiro Vermelho

Bello opusculo, contendo hinos e canções sociaes em portuguez e italiano, alguns dos quaes escritos depois da Revolução Russa.

Os pedidos podem ser endereçados á caixa postal, 1330, São Paulo, pois já se achá á venda.

# A padrecada e a questão social no Brazil

## Tolices de um doutor-papa-hostias

Levado pela curiosidade que me despertou um folheto profanamente espalhado pelo Centro Operario. Ca-tolico do Brazil, eu assistir a uma reunião na qual, segundo o manifesto, li-se tratar de levantar um protesto contra a exorbitancia dos alugueis das casas. Chegado a entrada da Cidra Metropolitanus, fomos parados o passo, dizendo-me o porteiro que só podiam entrar os fedegados.

Nesse interior apparece a figura simpatica de um similis moço, qual, intervindo, disse que a entrada era franca.

Então, no vasto salão havia, bem contado, umas duas mil pessoas de ambos os sexos, tendo em conta que uns 95 opo é compoza de velhos e velhas taboventas. A entrada do dr. Metropolitus, foi muito applaudida, dizendo-me o porteiro que só podiam entrar os fedegados.

Nesse interior apparece a figura simpatica de um similis moço, qual, intervindo, disse que a entrada era franca.

Então, no vasto salão havia, bem contado, umas duas mil pessoas de ambos os sexos, tendo em conta que uns 95 opo é compoza de velhos e velhas taboventas. A entrada do dr. Metropolitus, foi muito applaudida, dizendo-me o porteiro que só podiam entrar os fedegados.

# Grupo Editor de Obras Sociais Neno Vasco

Com este titulo, acaba de ser fundado nesta capital mais um grupo libertario, que se propoe a imprimir e difundir publicações de propaganda do ideal anarquista.

A novel organização inicia a sua proveitosa actividade com uma nova edição do esplendido folheto *O Evangelho da Hora*, que anunciamos em outra parte do jornal.

A correspondencia para o Grupo Editor de Obras Sociais Neno Vasco deve ser endereçada provisoriamente para a caixa postal, 195 S. Paulo.

# Nosso balancete

ENTRADAS	
VENDA AVULSA	
Em S. Paulo	655000
Amovos	8600
PACOTES	
Sindicato de Cantefes de Itaquera	49000
A. Boshio (Botucatu)	108500
R. Rivera (Salvador)	208000
ASSINATURAS	
Talões n.ºs. 2936, 2937, 2938	183000
SUBS. VOLUNTARIA	
A. V. (Poços de Caldas)	148900
S. Z. (S. Paulo)	8600
Ernesto Barbone (S. Joaquim)	75500
E. Z. (Rio Preto)	208000
Rezerici Campinas	1008000
Rezerici Poletici (C. Rod. gués)	508000
FESTAS	
Saldo da festa do «São Eros»	88500
Por conta da festa de U. D.	208000
A. em Calções (C. Garcia)	1008000
RIFA	
«Ilustrago Portuguesa» (Pimenta)	151000
FOLHETOS	
Diversos	658600
Soma	7018200
DESPESAS	
Deficit do balancete publicado do numero anterior	3418400
Folheto do numero 83	272800
Por conta do ordenado do redator	658700
Despachos diversos	248300
Carrete	58000
Bonde (administração)	28400
Ordenado do administrador do mes de agosto	1008000
Ordenado do administrador 20 dias de mez de setembro	1008000
Ordenado do cobrador (agosto)	1008000
Chêchê para o n.º 83	58000
Soma	48000
Soma	10198600
RESUMO	
Entradas	7018200
Despesas	45198600
Deficit	3186800